

“Produção também é política”

Táticas para produção de pequenos encontros

*Texto de Alexandre Freire e Fabiane Borges
Encontro Des).(centro - 2009*

Para que um encontro/evento aconteça é preciso que alguém o produza. Esse fazer não é nada simples, pois requer muito trabalho e compromisso, provavelmente por causa disso opta-se por gerenciá-lo através de metodologias já reconhecidas, que tenham funcionalidade e conduzam a resultados concretos, porém muitas dessas metodologias reproduzem sistemas de valoração burocráticas e alienantes já não condizentes com as complexas redes humanas de trocas e acesso que participamos na contemporaneidade, de modo que é necessário repensá-las.

A produção geralmente se baseia em uma tríplice aliança: "organização, curadoria e moderação". A "organização" fornece os meios necessários para o encontro, executa as tarefas cotidianas desde convites, hospedagens, crachás, filtro de linha para ligar os gadgets, gerencia os espaços, resolve pepinos, descasca abacaxis. A "curadoria" cuida do universo imaginário, das conexões políticas, dos discursos que irão permear os espaços, interfere nas disposições dos quadros subjetivos e profissionais. A "moderação" conduz o processo, cria a possibilidade de diálogo, oferece técnicas que permitem o desenvolvimento de certos conceitos, instalação de alguns consensos e criação de uma plataforma comum de ação.

Na maioria dos casos porém, as produções sofrem uma forte hierarquia interna dessas três instâncias: os "organizadores" são tidos como operários, os "curadores" como a inteligência que detém o poder de escolher o que serve ou não para o encontro e os "moderadores" como aparelhos de contenção de fluxos, para que não saiam dos limites estabelecidos pela própria produção. Esse tipo de produção demonstra que a estrutura política do evento é por princípio permeada de verticalidade, de formatos que impedem um real espaço de participação e crítica tanto da própria produção do evento quanto do evento em si. Isto culmina na promoção de acordos velados, conduz a uma participação egoísta onde cada um só se interessa em fazer sua própria exposição logo se desinteressando pelo evento, permite que idiosincrasias muito comuns retornem, como o chato que não foi convidado para estar na mesa e não tem nenhum outro espaço para exercer sua própria singularidade se aproveite dos momentos coletivos para monopolizar discussões e criar discórdia, ou que a estrela atrasada para o compromisso seja esperada por um público passivo, que não tem domínio nenhum sobre a construção do evento e sirva só de base para sustentação do grande nome, ou ainda o surgimento do bambambam que não se interessa por nenhum trabalho coletivo e toma na mão o poder de levar a diante o processo, pisando sobre as pequenas insurgências locais. Esse tipo de estrutura se baseia na burocracia e na institucionalidade.

Apesar de ser comum dividir em categorias distintas as (no mínimo) três instâncias da produção é fundamental que passemos a compreendê-las como interdependentes, pois sua disposição e atribuição determina a estrutura política de qualquer evento. Se a estrutura proponente for verticalizada é muito difícil que o encontro/evento não a reproduza.

Há algum tempo (sem levar em conta inumeráveis exemplos históricos) vêm se definindo nas práticas coletivas algumas outras formas de produção de encontros/eventos que não se fixam nem em superinstitucionalidade nem em encontro largado, descompromissado, mas que habitam entre essas coisas, que fazem dos seus métodos uma estrutura política que contribui para um pensamento político maior, que provoca pequenos processos democráticos, potencializando espaços de construção coletiva, adaptando-se as mudanças produzidas dentro do próprio encontro, permitindo que as pessoas se responsabilizem pelos processos desencadeados, favorecendo que as lideranças espontâneas, os talentos emergentes, apareçam, ganhem força, façam diferença, construindo ambientes propícios para liberação de fluxos, agenciamento de devires, fluência de potenciais, conexão de desejos, necessidades, , desenvolvimento de ritmos, remixagem de papéis sem centro catalizador, alcançando metas, objetivos, criações e finalizações de projetos sem recair em princípios hetero-patriarcais, comprometidos com uma lógica de evolução que só faz reafirmar a obediência, a construção de hierarquias e a supressão das subjetividades diferenciadas em nome de um consenso induzido.

Produção também é política. A produção de um evento pode e deve estar aberta para o imprevisto, para a qualidade das trocas, para as diferentes temporalidades que ele próprio propicia e abarca, para a abertura de espaços imprevistos que propiciem que as criatividades apareçam. Não existe um método específico para chegar a esse nível de produção, é preciso inventar e reinventar incessantemente táticas de operacionalização que abra espaço para os sujeitos se singularizarem, amplie suas percepções do mundo, e transforme em alguma medida suas vidas. Isso consiste em criar atmosfera produtiva e constituinte, que além de promover horizontalidade, descentralidade, também propõe que os participantes se tornem produtores dos acontecimentos do encontro, levantem e concretizem demandas.

Temos experimentado encontros onde atuamos como produtores e participantes, cuja estrutura é de convivência. Trata-se de encontros imersivos em lugares onde as pessoas têm tempo e espaço para constituírem um microcosmos que além de lidar com os planos civilizatórios gerais (espaço, consumo, organização), lidam com os impasses cotidianos (fazer, trocas, relações). A criação de projetos de ações, demandas de estruturação, objetivos em curto, médio e longo prazo, e troca de conhecimentos se mesclam à limpeza do espaço, preparo de refeições, impasses em relação ao lixo, tempo de relaxamento e troca de afetos. Todos se responsabilizam pela construção e produção do próprio evento, e podem observar nos aspectos mais cotidianos, os dados comportamentais do grupo, as hierarquias, as explorações, os machismos, as irresponsabilidades com os projetos de convivência, as desvalorizações compulsórias aos pontos considerados fracos, aos modos de lidar com o lixo, com os afetos; tudo isso é material para elaboração do próprio encontro. As técnicas para construir essa elaboração dependem da criatividade da produção e participantes, que ao invés de apresentarem planos pré-estabelecidos de ação, abrem-se para os acontecimentos, produzindo a partir da singularidade de cada grupo, modos de intervenções específicos.

Apresentamos agora alguns exercícios dinâmicos construídos por seus próprios participantes em eventos cujos motes nos motivam a escrever esse texto:

1- Choque Elétrico: Um grupo de 10 a 20 pessoas num encontro de comunicação livre dão-se as mãos e recebem um choque coletivo de média voltagem. Todos sabiam que se um largasse a mão do outro, o último receberia uma carga mais elevada de choque, desse modo, num gesto de total confiança, as pessoas não largavam as mãos e compartilhavam o choque que perpassava seus

corpos. A prática fortalece a construção de confiança entre pessoas. Essa dinâmica, estruturada a partir do choque levado pelo que iria ligar um fio, durou muitas horas, e praticamente todos presentes participaram espontaneamente. (Submidialogia “2”/ Olinda-2006)

2- Sobe no Banquinho: Tem momentos que o que se tem para dizer é para todo mundo. Foi a partir dessa demanda coletiva que alguém decidiu colocar um banquinho sagrado em um determinado local, onde todos participantes tinham liberdade de subir e falar para todo mundo, em contrapartida o público formado tinha que prestar atenção no que era dito, ponderar, refletir e caso fosse importante, sabia que poderia subir no banquinho também.

3- Cozinha Coletiva: Todos produtos de cozinha a disposição dos participantes, os cozinheiros se organizam para cozinhar para todos, conforme fluência do próprio grupo, levando-se em conta a não exploração nem cozinha sexista. Enquanto cozinham conversam questões, trocam idéias, elaboram planos de ação, combinam temperos e demandas.

4- Espaço de conforto. É preciso satisfazer as necessidades humanas básicas para que um trabalho ocorra. Antes de qualquer ação coletiva participantes precisam saber onde vão dormir, tomar banho, e fazer as refeições. Assim se transformam em corpos confortáveis, que se movimentam, se deitam, levantam. Um corpo que se sente a vontade com a situação, que não seja forçado a respeitar o protótipo da organização curatorial nem moderadora, pode ser mais criativo, mais envolvido, ter mais condições de expressar os processos pelos quais é atravessado no encontro em questão, com suas pautas e objetivos, pode viver mais intensamente os problemas que o atravessam e dessa forma colaborar mais para o desenvolvimento do processo.

4- Rádio Livre: Instala-se uma rádio livre no local do encontro e ali operacionalizam-se as conversas, expõe-se opiniões, divergências, projetos possíveis, discussões pontuais, trocas conceituais, ficções, imaginários de futuro, ironia das situações presentes, enquanto os outros cozinham, tomam banho de piscina, trocam o lixo, ou tomam uma cerveja. A idéia é que a rádio seja um lugar onde se depurem as idéias, se escute várias possibilidades, um espaço que promova apropriação dos meios de comunicação, propício para o debate a partir do desejo de qualquer participante.

5- Nariz de Palhaço: Para criar um espaço de crítica, o nariz de palhaço funciona como uma ferramenta que propicia momentos de falar tudo o que se pensa, sem mediação nem condescendência. Instaura-se a cena anárquica, a espontaneidade, ao mesmo tempo o topos do perdão e do consentimento, como se o nariz fosse uma máscara de proteção aos julgamentos. Tanto os que colocam o nariz, quanto os que assistem a cena devem compreender que o ato promove aspectos fundamentais para a saúde coletiva como fluidez, desintoxicação, afirmação de um outro estado que não necessariamente diga dos objetivos prescritos, mas que inconscientiza a situação, tornando-a humorada, fetichosa, irônica e exagerada, contribui para que se pense na situação em um outro estado de presença.

6- Nunca foi cobrador? Ao invés de reclamar da situação, as pessoas são autorizadas e emponderadas a fazê-la acontecer. Cobrar um dos outros pautas e demandas produzidas, dividir o poder da produção em canais partilhados pelos participantes, que envolvidos com o acontecimento, pretendem que ele se desenvolva, se manifeste. Ao ser questionado ou cobrado, incita-se a pessoa a

assumir a responsabilidade de lidar com a própria insatisfação, inscrevê-la no grupo e achar soluções.

7- Eu sou moderador: é permitir que o papel da moderação seja partilhado, que as pessoas sintam-se livres para conduzir o processo de forma a responsabilizar-se por seus contornos mas ao mesmo tempo inventá-los, criar novas demandas, injetar novos modos de comportamento e compreensão. Saberem que o poder é partilhado e também as consequências, papel rotativo de controle de ansiedades e expectativas. Quando algo estiver muito enrolado ou apropriado de forma indevida, o participante levanta e diz: Agora eu sou o moderador.

Esses exemplos deixam bem claro a diferença entre uma estrutura política verticalizada e uma outra que se produza a partir de seu eixo circular, agregador. As vertentes políticas que a animam são motivadas por práticas de confiança, ritualização, divisão de poder e responsabilidade, apropriação dos meios de produção e comunicação; porém sabemos do paradoxo que habita esse tipo de prática, que ao mesmo tempo pode ser produtiva no sentido de vitalidade e democratização, também pode ser utilizada para promover alienação dos corpos e das subjetividades, por isso é importante pensar nas dimensões estruturais que ela abarca. Se estamos falando de um encontro que se pretende político, independente do seu objetivo inicial, é necessário que os grandes temas apareçam: a exploração, a precariedade, o não contentamento com o estado das coisas, a dimensão humana e existencial. Uma imersão é um recorte do mundo, com todas nuances que ele têm.

Um risco que corremos ao aplicar esses tipos de dinâmicas é seu mal uso, no sentido de serem incorporadas no evento como discurso de saúde e participação, mas na verdade só reafirmarem a condição onipresente e punitiva da produção, de modo a criar diagnósticos e psicopatologias, de encarcerar pessoas em caricaturas superficiais prejudiciais que invalidam o diálogo construído. De ser utilizado mais como entretenimento como de fato constitutivo. Outro risco é de validar somente os que se expõem e não desenvolver percepção para os sombrios, para os escondidos, para os que habitam as sombras, como se esses não fossem presenças suficientes. Dessa forma é preciso, como dito no início, reinventar e reavaliar técnicas a todo instante, fazê-las serem uma das demandas do próprio grupo, criar percepção e contágio de linguagens que muito raramente aparecem no vício da boa fala, da eloquência. Há outras linguagens participativas a serem notadas, deflagradas, linguagens viciadas em outros códigos, que se manifestam incisivamente mesmo que os métodos interpretativos não sejam eficientes o bastante para afetar-se com elas. Priorizamos os grandes discursos porque somos pobres na percepção. Esse texto sugere a retomada da percepção, da afecção, da multiplicidade de sentidos contido em um simples ato, assim como a ampliação das potências da escuta.